

Lenin em 1917: direção em disputa e liderança reconhecida¹

*Ressuscita-me
Ainda que mais não seja
Porque sou poeta
E ansiava o futuro
(Maiakovsky)*

Advertência

Para uma leninista empedernida como a organizadora dos materiais presentes neste texto, são raros os prazeres comparáveis à reconstituição da experiência revolucionária de 1917.

Na intenção de resgatar pontos esclarecedores da luta de Lenin em 1917, o trabalho tem três fontes básicas: alguns dos textos de intervenção do próprio Lenin, a *História da Revolução Russa* de Trotsky² e o livro clássico de John Reed, *Dez dias que abalaram o mundo*³. Contrariando o modo como a tradição lida com este ano, embora os próprios acontecimentos tenham o maior interesse, aqui o foco é Lenin. Fatos são apenas elencados para fins de determinação dos seus textos.

Seguindo o exemplo insuperável de John Reed em sua reportagem clássica, apresentaremos de imediato algumas siglas e pessoas, o que nos dispensará de voltar a eles quando entrarem em cena.

Outubristas: Partido da burguesia (e também do latifúndio) que emergiu no ano de 1905 quando se lançou com o Manifesto de Outubro, que lhe deu o nome. Rapidamente assumiu posições cada vez mais à direita. **Rodzianko** era um latifundiário integrante deste partido. Foi presidente das Dumas III (novembro de 1907 a junho de 1912) e IV (novembro de 1912 a outubro de 1917) e Primeiro Ministro do Governo Provisório instalado em fevereiro de 1917. Transferiu o cargo em junho/julho de 1917 a Kerensky e passou a trabalhar pela unificação dos grupos antirrevolucionários. Em agosto apoiou o movimento de Kornilov que foi derrotado pelos trabalhadores. Pouco depois da Revolução de Outubro, tornou-se um emigrado branco.

KDT: Constitucionalistas Democráticos – o partido da burguesia (indústria, finança e latifúndio). Seus integrantes costumam ser referidos como cadetês, devido à sigla. **Miliukov**, que veio ao primeiro plano da cena política em 1905,

¹ Originalmente publicado no livro *Todo poder aos soviets*, organizado por Ana Cotrim e Vera Cotrim, para a editora Zouk de Porto Alegre em 2018, com algumas modificações, este texto faz parte do volume *Lenin e Brecht: duas revoluções*, publicado pela editora Sunderman em 2020.

² TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa*; tradução de Diego de Siqueira. São Paulo: Sundermann, 2007.

³ REED, John. *Dez dias que abalaram o mundo*; tradução de Bernardo Ajzenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

é um de seus mais conhecidos integrantes. Participou de todos os governos entre fevereiro e outubro de 1917.

Partido Socialdemocrata dos Trabalhadores Russos: dividido em **mencheviques** e **bolcheviques**, só em 1917 a separação foi oficializada. Enquanto os mencheviques (subdivididos em pelo menos três tendências) tiveram participação “crítica”, porém intensa, nos governos de transição, os bolcheviques desde abril permaneceram nos soviets. Um dos mais destacados dirigentes mencheviques era **Martov**, outro era **Dan** (pseudônimo de F. Gurvitch). **Chkheidze**, também menchevique, foi o primeiro presidente do Soviete de Petrogrado.

SR: Partido Socialista Revolucionário – o partido das massas camponesas, que em outubro também se dividiu à esquerda e à direita. **Kerensky:** da ala direita do SR, foi eleito vice-presidente do Soviete de Petrogrado quando da Revolução de Fevereiro. Integrou o Governo provisório na condição de ministro da justiça. Depois da crise de junho tornou-se o primeiro ministro, e desde então o próprio governo costuma ser designado como “Governo Kerensky”.

Trudovik: Partido Popular, com raízes na pequena propriedade rural.

Socialistas Internacionalistas – Uma ala dos mencheviques que não concordou com a posição da Internacional Socialista a favor da guerra em 1914. Gorky fazia parte deste grupo.

Stolypin: Foi presidente do Conselho de Ministros do Tzar e Ministro do Interior de 1906 a 1911 (quando morreu). Por suas providências assassinas contra todos os que se mobilizaram em 1905, tornou-se símbolo do reacionarismo mais feroz, razão pela qual seu nome passou a ser usado como adjetivo.

Comitê Militar Revolucionário (CMR): criado a 9 de outubro, quando o Soviete de Petrogrado já era presidido por Trotsky (que conseqüentemente também presidiu este comitê), e instalado a 20 de outubro, teve papel central na condução das operações que resultaram na queda do governo Kerensky e passagem do poder aos soviets. Era integrado por representantes de todas as organizações que participaram ativamente da revolução, inclusive socialistas revolucionários de esquerda.

O grande feito da burguesia russa em 1917

Ainda seguindo o exemplo de John Reed, é útil pelo menos esboçar um quadro da situação criada pelo golpe de estado de Fevereiro de 1917 pois, na opinião de Lenin, este foi o momento “burguesia” da revolução que atravessou o ano.

Iniciada por uma insurreição cujo primeiro capítulo foi escrito pelas mulheres, trabalhadoras da indústria têxtil que deram início a uma greve prontamente respaldada pelos bolcheviques, pelos operários da fábrica de munições Putilov e pelo distrito de Vyborg, a Revolução de 1917 rapidamente sofreria um golpe de Estado, assim caracterizado: a partir das instituições criadas no Antigo Regime e preservadas nos primeiros anos do século XX, como a Duma, que passava por Parlamento, o golpe que derrubou Nicolau, o sanguinário, instalou politicamente a burguesia (latifúndio, finança e indústria) no prosclênio russo, contando com o apoio confiante do Soviete de Petrogrado. Com o outubrista Rodzianko à frente, os novos titulares do poder nem sequer tiveram ânimo para proclamar uma República. Digamos que estes golpistas mantiveram a monarquia na gaveta para qualquer eventualidade, podendo recorrer a ela (e a Nicolau) a qualquer momento. Mas para dar provas de sua disposição para negociar até mesmo com os trabalhadores que deram início à revolução, o novo governo tratou de incluir em seu ministério integrantes da Executiva do Soviete, como Kerensky.

A Assembleia Constituinte entrou na pauta quando da instalação do Governo Provisório, mas sempre como moeda de negociação: sua convocação foi protelada até que a insurreição vitoriosa se tornou um fato incontornável. Tratava-se ainda da última tentativa de reverter a própria revolução por meios políticos, como ficou demonstrado pelos acontecimentos posteriores.

Lenin

Segundo Brecht (no livro póstumo *Me Ti*), por saber que revoluções não acontecem todos os dias, nem segundo a vontade de ninguém, mais de uma vez Lenin expôs as inúmeras condições para ela se colocar na ordem do dia, sem no entanto deixar de trabalhar por ela nem por um momento. Quando em fevereiro de 1917 ela entrou a todo vapor na ordem do dia russa, Lenin, ainda exilado na Suíça, tratou imediatamente de voltar a seu país, o que aconteceu em abril. Chegando a Petrogrado, assumiu sem vacilações o seu papel de dirigente máximo dos bolcheviques.

Uma parte dos textos aqui utilizados foi basicamente escrita por ele ao longo do ano de 1917 e em português se encontra no oportuno livro organizado por Slavoj Zizek com o título inspirador *Às portas da revolução*⁴. A outra parte está disponível (em inglês) no verbete Lenin do site Marxists Internet Archive (<https://www.marxists.org/archive/lenin/works/index.htm>). As datas do calendário juliano foram preservadas por sua carga simbólica: como a diferença

⁴ ZIZEK, Slavoj. *Às portas da Revolução: escritos de Lenin em 1917*, tradução de Daniela Jinkings, Fabrizio Rigout e Luiz Bernardo Pericás. São Paulo: Boitempo, 2005.

é de 13 dias para menos em relação ao calendário ocidental gregoriano, havendo o interesse, basta fazer as contas, isto é, acrescentar o número 13 para estabelecer a correspondência com as nossas datas.

Caracterização da situação revolucionária (1914)

Para os marxistas são pontos pacíficos: a) revolução é impossível sem situação revolucionária e b) nem toda situação revolucionária *tende* à revolução.

Há três sinais principais de que uma situação é revolucionária:

1) Impossibilidade das classes dominantes manterem inalterado o seu domínio. Há crise das “cúpulas”, crise da política da classe dominante, que cria uma fissura pela qual o descontentamento e a indignação das classes oprimidas forçam um caminho. Para uma revolução explodir, não é suficiente que a base não queira mais viver como antes; também é importante que as cúpulas não consigam mais continuar como antes.

2) Agravamento extremo da miséria e da angústia das classes oprimidas.

3) Acentuação, determinada pelas razões acima indicadas, da atividade das massas que em períodos “pacíficos” se deixam pilhar tranquilamente mas que, num período tempestuoso, são impelidas a uma ação histórica independente tanto pela crise no seu todo como pelas próprias ações das cúpulas.

Sem estas mudanças objetivas, independentes dos grupos e partidos, ou mesmo desta ou daquela classe, a revolução é, de maneira geral, impossível. É o conjunto dessas mudanças objetivas que constitui uma *situação revolucionária*.

Entretanto, nem toda situação revolucionária deságua em revolução. Esta surge somente nos casos em que às mudanças acima enumeradas vem juntar-se uma mudança subjetiva, a saber: a capacidade da classe revolucionária conduzir ações revolucionárias de massas vigorosas o suficiente para destruir completa ou parcialmente o velho governo, que só cairá tangido pela força.

Dada uma situação revolucionária, *ninguém sabe* quanto durará e como se resolverá. O dever dos revolucionários é revelar às massas a existência da situação revolucionária, explicar sua amplitude e profundidade, despertar a consciência e a energia revolucionárias do proletariado, ajudá-lo a passar à ação revolucionária e *criar organizações* adequadas à situação revolucionária para trabalhar pela revolução.

Sobre a queda da monarquia

Para Lenin, os fatores mais importantes para a queda da monarquia foram, nesta ordem: as lutas de 1905 a 1907; a contrarrevolução de 1907 a 1914; e a guerra imperialista que se transformou em guerra civil aberta, iniciada já em fevereiro de 1917, embora os inimigos da revolução (de outubro) só considerem

seu início a partir das escaramuças que se seguiram à tomada do poder pelos soviets.

Alguns dos argumentos de Lenin sobre cada um destes tópicos: a revolução de 1905 revolveu profundamente o terreno, arrancou pela raiz preconceitos seculares, despertou para a vida e a luta políticas milhões de trabalhadores e dezenas de milhões de camponeses, revelou umas às outras, e ao mundo inteiro, *todas as classes* (e todos os principais partidos) da sociedade russa, bem como a verdadeira correlação dos seus interesses, suas forças, suas formas de ação, seus objetivos imediatos e futuros. 1905 pôs a nu a podridão da monarquia, a brutalidade da família Romanov, a brutalidade dos latifundiários e os crimes que estavam dispostos a cometer para preservar a propriedade. Mas, acima de tudo isto, 1905 propiciou *a experiência dos soviets* aos trabalhadores que foram à luta.

A contrarrevolução de 1907 a 1914 deu asas à burguesia russa que se compôs com o absolutismo e a violência romanovista e tratou de fazer passar a *sua* conquista de algum espaço na cena política por, digamos assim, “avanços democráticos”. Os principais paladinos da conquista de espaço na Duma (um pseudoparlamento democrático) integravam o partido dos Constitucional Democratas (KDT).

A guerra iniciada em 1914 põe a nu, por sua vez, o curso da história mundial, pois gerou uma crise mundial econômica, política, nacional e internacional em escala inédita. Já em 1917 não podia mais haver dúvidas de que a guerra era mesmo mundial e imperialista para os dois lados em confronto. Mas capitalistas e seus lacaios social-patriotas e social-chauvinistas (os socialistas que aderiram ao programa bélico dos imperialismos) *negam* este seu caráter. A burguesia mundial promoveu a guerra para saquear outros países, estrangular povos minoritários, obter supremacia financeira mundial, partilhar e redistribuir colônias, salvaguardar o regime capitalista agonizante, enganando e desunindo os trabalhadores dos diferentes países.

Na Rússia, em fevereiro de 1917, a guerra imperialista se transformou em *guerra civil*. Com apoio franco-inglês, a burguesia e o latifúndio russos aplicaram um golpe de estado contra o tzarismo. O soviete (inicialmente só com representantes dos trabalhadores que depois passou a receber também deputados dos soldados e dos camponeses) apoiou este golpe de estado que liquidou a monarquia.

Este primeiro capítulo da revolução dá lugar à emergência na cena política (porque também significou o fim da clandestinidade para quase todos) de novas forças organizadas, além das já conhecidas (monarquia e latifúndio feudal): a burguesia, o latifúndio capitalista, os democratas constitucionalistas e a pequena burguesia. Todas estas forças estavam representadas formalmente na Duma e no governo provisório. Por outro lado, surge *formalmente* o soviete.

Para Lenin, o proletariado russo era o mais revolucionário do mundo simplesmente por ter mantido vivas as tradições da luta inaugurada em 1905. Isto significa que a experiência dos soviets não apenas não se perdera como continuara se multiplicando por todo o país.

A estas avaliações, acrescentem-se pelo menos as seguintes observações do jornalista John Reed: o trabalhador russo é revolucionário, mas não é violento, nem dogmático, nem burro e tinha larga experiência em matéria de organização voluntária. Em 1917 as Cooperativas de Consumo tinham mais de 12 milhões de sócios. Os próprios soviets demonstram o seu gênio organizativo. Além disso, eles conheciam a teoria socialista; a maioria (dos mobilizados) sabia ler e escrever.

O Quartel General da Revolução

Imediatamente após as ações de fevereiro, enquanto as instituições do poder convencional permaneceram em seus espaços próprios (Palácio de Inverno – sede principal do Governo Provisório; Palácio Tauride – sede da Duma; Palácio Mariinsky – sede do Conselho da República ou pré-parlamento, etc.), a Revolução propriamente dita instalou seu QG em um antigo instituto de dança, conhecido como Smolny.

O prédio foi ocupado pela Executiva dos Soviets e pela Executiva do Soviete de Petrogrado. Além destas instâncias do poder revolucionário, ainda se instalaram no Smolny as seguintes organizações: Comitê Central do Soviete de Petrogrado, Divisão de Relações Exteriores, Quartel General dos bolcheviques, União dos Soldados Socialistas, Comitê Central dos Sindicatos Russos, diversos Comitês de Fábrica, Comitê Central do Exército, escritórios Centrais e salas de reunião dos partidos. O antigo salão de baile passou a ser o local das reuniões ampliadas, assembleias e plenárias.

A opção por este endereço atendia a exigências de segurança dos trabalhadores. Sua localização é próxima ao distrito de Vyborg (onde fica a famosa Estação Finlândia e onde Lenin permaneceu na clandestinidade depois de decretada a sua prisão). Em Vyborg – sob total controle dos trabalhadores – estão instalados, por exemplo, o Comitê Distrital bolchevique e o Quartel General dos militares bolcheviques. Na hipótese de o governo atacar o Smolny, bastaria a ação de Vyborg para assegurar sua defesa.

DE ABRIL A OUTUBRO

O Governo Provisório foi definido por Lenin como a “união ávida de sangue das forças conservadoras”. Além disso, esta união contou imediatamente com a adesão dos socialdemocratas (ou mencheviques), que continuaram a gritar a

plenos pulmões contra as *ilusões* dos revolucionários e contra “o ridículo sonho da transformação da guerra imperialista em guerra civil”. Note-se a divergência político-cronológica: para os bolcheviques a guerra civil já começara... Bem antes da própria guerra, socialdemocratas já vinham cantando em todos os tons possíveis a *força*, a *vitalidade* e a *adaptabilidade* que o capitalismo teria revelado e, com base nestas convicções, vinham ajudando (desde fins do século XIX) os capitalistas a adaptar, domar, dividir e trapacear com as classes trabalhadoras dos diferentes países.

Desde fevereiro os mencheviques, aliados aos socialistas revolucionários, fizeram todo o possível para manter os soviets sob seu controle, mas em abril a palavra de ordem dos bolcheviques passou a ser a conquista democrática da maioria em todos eles, o que foi acontecendo ao longo dos meses seguintes e culminou com a meta conquistada em meados do mês de setembro. Voltaremos a este ponto outras vezes.

O governo provisório não passava de um agente das empresas multimilionárias da França e da Inglaterra. Mas a seu lado surgiu um outro governo, o governo operário que se organizou no Soviete de Petrogrado e expressava os interesses do proletariado e de todos os setores pobres da população urbana e rural. (Esta situação foi caracterizada como “dualidade de poder”). Representando noventa por cento da população, a luta do governo proletário podia ser resumida em três palavras: PAZ, PÃO e LIBERDADE. E como o governo provisório não apenas não liquidou a monarquia mas já se compunha com os Romanov, passa a haver só uma garantia de liberdade: a destruição completa do tzarismo. Para tal, seria necessário armar o proletariado, consolidando, ampliando e desenvolvendo o papel, a importância e a força dos soviets. Nesta luta, a tarefa dos marxistas consistia em ajudar o proletariado a abrir o olho dos outros setores da população para entender o caráter burguês do governo provisório, para perceber as fraudes dos políticos burgueses, para não acreditar em palavras, para contar unicamente com a sua própria unidade, com o seu próprio armamento (agora no sentido próprio).

O proletariado podia contar com dois aliados para a sua revolução. De um lado, a grande massa dos semiproletários que incluía dezenas de milhões de camponeses, a imensa maioria da população e, de outro, o proletariado mundial. A grande massa dos semiproletários precisaria ser esclarecida e organizada. O principal meio de cumprir esta tarefa era justamente a construção dos soviets, de preferência em separado: um para os camponeses (pequenos proprietários) e outro para os assalariados (operários) agrícolas.

Um alerta de Lenin aos militantes: quando a burguesia chama um bolchevique de doutrinário, ela quer dizer fidelidade à doutrina, isto é, aos fundamentos, aos princípios, aos objetivos do socialismo. E é normal que ela chame os que lutam pelos objetivos do socialismo de doutrinários e sediciosos, bem como de radicais, irresponsáveis, etc., etc..

A burguesia entende por ordem o seu próprio regime econômico e político e defende esta ordem, com todas as armas de que dispõe, acenando com os riscos que ela corre, como o perigo de se cair no caos e na anarquia. Para os revolucionários, são precisamente os capitalistas que introduzem a anarquia e as guerras na sociedade humana; só a passagem de todo o poder político ao proletariado e ao povo pobre pode livrar-nos das guerras, da anarquia e da fome.

A estratégia do primeiro governo provisório era óbvia: neutralizar o soviete e desmobilizar as massas. Para impedir a restauração da monarquia e a formação de um exército contrarrevolucionário era necessário organizar, ampliar e fortalecer uma milícia proletária, isto é, armar o povo sob a direção dos trabalhadores. Sem esta providência não seria possível falar a sério em resistir à restauração da monarquia, nem muito menos em seguir o caminho que leva à obtenção de pão, paz e liberdade.

Excertos das Teses de abril

Um dos principais indícios científicos e práticos de *qualquer* verdadeira revolução consiste no aumento extraordinariamente rápido, brusco, súbito, do número de pequenos burgueses que começam a tomar parte ativa, independente e efetiva na vida política, na organização do Estado.

São dezenas de milhões na Rússia. A maior parte são pequenos patrões, pequenos burgueses, pessoas que estão a meio caminho entre os capitalistas e os operários assalariados. Essa pequena burguesia contaminou e arrastou com as suas concepções pequeno-burguesas círculos muito amplos de operários.

Na vida real, a pequena burguesia depende da burguesia, a sua vida (no sentido de lugar na produção) é de patrão e não de proletário, e na forma de pensar segue a burguesia.

Mas na esfera política os marxistas se interessam por fatos objetivos, classes e massas, e não por indivíduos. A tarefa do partido revolucionário é *libertar* o proletariado da embriaguez pequeno burguesa “geral”. Muito mais que de propaganda, este é um trabalho *prático*. Enquanto a tarefa dos dirigentes da pequena burguesia é ensinar o povo a *confiar* na burguesia, a dos dirigentes proletários é ensinar a *desconfiar*. Agora o desafio é ajudar o povo a construir mais e mais sovietes, tomar *toda a sua vida* nas próprias mãos.

Os limites do governo provisório

Enquanto o discurso socialdemocrata recomendava convencer os *liberais* a abandonarem seus objetivos insensatos de guerra, os bolcheviques deveriam, em vez de perder tempo tentando “persuadir liberais” de alguma coisa, *explicar* aos operários que os liberais estavam num beco sem saída, de mãos e pés

atados, incapazes, por exemplo, de tornar públicos os tratados do tzarismo com a Inglaterra.

O Soviete dá um passo adiante com a proposta de criar um Comitê de Vigilância sobre o Governo Provisório, constituído por trabalhadores e soldados. Isto demonstra que o instinto e a inteligência da massa proletária não se contentam com declamações, exclamações, promessas de reformas e liberdades. Procuram apoio apenas onde ele pode ser encontrado: nas próprias massas armadas, organizadas e dirigidas pelo proletariado, pelos trabalhadores que têm consciência de classe.

O Comitê de Vigilância foi o primeiro passo para a criação de uma Milícia Operária, não limitada a substituir a polícia eliminada e dissolvida, mas disposta a tornar impossível a sua restauração em qualquer parte da Rússia.

De Zurique, onde estava quando das ocorrências de fevereiro, Lenin envia uma proclamação do Comitê Central (no exílio): operários e soldados são exortados a organizar-se em torno do soviete, a elegerem seus representantes para lutar pelo fim do tzarismo, pela república, pela jornada de 8 horas, pelo confisco das terras dos latifundiários e das reservas de trigo e pelo fim da guerra de pilhagem. E desde já alerta: em lugar de perder tempo buscando participação no governo provisório, o proletariado precisa criar uma força *de classe, revolucionária e real*, a ser expressa numa milícia capaz de inspirar confiança em todas as camadas mais pobres da população, de ajudá-las a se organizar para lutar por pão, paz e liberdade. Tratava-se por enquanto de indicações gerais de caráter estratégico pois, como ele mesmo escreveu, *não me coloco questões para cuja resolução não tenho nem posso ter dados concretos*.

Até os não ou antibolcheviques reconhecem que a Revolução de Fevereiro-Março foi apenas a *primeira etapa* da Revolução. Se queremos ser marxistas e *aprender com a experiência das revoluções de todo o mundo*, devemos esforçar-nos para compreender em que consiste precisamente a peculiaridade deste momento de transição e qual tática decorre das particularidades objetivas.

Já sabíamos que o governo provisório estava desde seu início num beco sem saída, mas não poderia ser derrubado de um só golpe. E mesmo que isto pudesse ser feito (em tempos revolucionários, os limites do possível ampliam-se mil vezes), não haveria como conservar o poder sem contrapor à imensa organização de toda a burguesia russa e de toda a intelectualidade burguesa uma *organização do proletariado* de igual magnitude, capaz de dirigir a imensa massa dos pobres da cidade e do campo, do semiproletariado e dos pequenos proprietários.

Por isto a palavra de ordem ainda em março só podia ser *organização proletária*. A vitória sólida na próxima revolução depende da realização de *prodígios de organização proletária*. Para isto, tratava-se de ir além, muito

além das organizações *habituais*, “legais”. *Os trabalhadores já haviam criado o soviete* e tratavam de ampliá-lo com os soldados e os trabalhadores agrícolas.

A tarefa mais urgente seria criar sovietes em todas as localidades da Rússia, para todas as profissões e camadas da população proletária e semiproletária. Até os camponeses ricos deveriam criar seus próprios sovietes pois, com a distribuição do trigo posta na ordem do dia, não faria sentido a sua participação nos sovietes dos camponeses pobres.

Desde 1905 a função dos sovietes fora definida na prática e os bolcheviques não a abandonaram: são órgãos da insurreição e do poder revolucionário. Este caminho já fora adotado pelos trabalhadores russos em março de 1917. Eles já sabiam que o proletariado deve organizar e armar todos os setores mais pobres e explorados da população, para que eles próprios tomem diretamente em suas mãos os órgãos de poder do Estado, constituam eles próprios as instituições deste poder.

Milícias

Os trabalhadores já começaram a destruir a velha máquina do Estado. A polícia em parte foi exterminada e em parte varrida; o próprio governo provisório instituiu uma “milícia popular” sob controle dos burgueses e não obriga os patrões a pagarem a seus operários os dias que dedicam à milícia, que eles chamam de “serviço social”.

Como é tarefa proletária impedir que se reconstitua a polícia, deve ser criada a milícia proletária. A ser integrada por todos os adultos de ambos os sexos. Suas funções são de exército popular, de polícia e de órgão principal da ordem e da administração públicas. *Não é preciso elaborar nenhum plano*, pois os trabalhadores saberão organizar as suas milícias com vezes melhor que qualquer plano teórico. A milícia deve ser o órgão executivo dos sovietes. Vai gozar do respeito e da confiança absolutos da população porque será integrada por adultos (de 15 a 65 anos) da própria população e poderá transformar a democracia em verdadeira educação das massas para a participação em todos os assuntos estatais. Incluirá os jovens na vida política, ensinando-os através do trabalho de defesa da democracia.

Ainda mais importante: sem incluir as mulheres neste serviço social que é o das milícias, sem as incluir na vida política, sem arrancar as mulheres do ambiente embrutecedor da casa e da cozinha, *não é possível sequer a democracia*, para não falar nada do socialismo.

Aqueles que fingem apoiar a revolução, mas na verdade são contra ela, costumam fazer perguntas como esta: “Haverá na massa dos trabalhadores russos suficiente consciência, firmeza e heroísmo, iniciativa, espírito de sacrifício para realizar os ‘prodígios de organização proletária?’” *Não sabemos e*

consideramos ocioso tentar adivinhar. Só a prática responde a este tipo de perguntas.

Ao contrário do que afirmam os nossos adversários, para Marx revolução não é realização de nenhuma teoria. A prática já demonstrou que o *entusiasmo* da classe revolucionária pode *muito* quanto a situação exige medidas extremas. Em tempo de revolução a situação objetiva muda tão rápida e bruscamente quanto a vida em geral. Basta recapitular o caso russo: antes de fevereiro, estava na ordem do dia o “apelo às massas” para despertar; em fevereiro e março passou a ser a luta contra o tzarismo. Agora, na transição, a ordem do dia é *organizar os soviets*. Tudo isto sem falar nas diferenças de lugar para lugar: em alguns a milícia já está na ordem do dia; em outros ainda é eleição para as assembleias locais (Dumas e Zemstvos) a partir das quais é possível criar centros revolucionários.

A exigência da paz

Caracterizada a guerra como imperialista e a associação do capital russo com o anglo-francês, é preciso saber que os capitalistas não podem renunciar a seus interesses, assim como um homem não se levanta puxando os próprios cabelos; por isso não existe paz honrosa para os governos burgueses: eles só aceitam paz vergonhosa, que consiste em derrota total seguida de esbulho.

Desde 1915 os bolcheviques têm um programa para a paz. Seus itens principais: 1) O Soviete declara *não estar obrigado por nenhum tratado*, nem da monarquia nem dos governos burgueses; 2) Torna públicos todos estes tratados e expõe *todos* os governos burgueses; 3) Propõe *imediate e abertamente*, a todos, *armistício*; 4) Expõe as condições de *paz*; 5) Propõe a derrubada de todos os governos beligerantes; 6) Não reconhece a dívida dos governos burgueses.

Em consequência, os bolcheviques propõem a ressemantização do conceito de *guerra justa*, que doravante passa a significar a guerra que se trava para *derrubar todos os governos burgueses do mundo*.

Enquanto os bolcheviques se empenham na organização dos soviets, os mencheviques – que representam *o centro*, isto é, *o pântano* – se limitam a reivindicar democracia e socialismo, ou seja, *coisa nenhuma*.

TESES DE ABRIL (conclusões)

Publicadas no *Pravda*, de 27 de abril de 1917, elas foram discutidas por Lenin em duas ocasiões: a 17 de abril, com os bolcheviques, e em seguida com delegados bolcheviques e mencheviques para o Sétimo Encontro (ou Conferência) do Partido Social Democrata dos Trabalhadores russos, que se instalou no dia 24.

1) Nenhuma concessão ao defensismo, pois isto significa continuidade da guerra.

- 2) Estamos na *transição* para a segunda etapa da Revolução, que se caracteriza por máximo de legalidade (possível), ausência de violência contra as massas e confiança destas no governo. Precisamos nos adaptar a estas condições *especiais* para desenvolver o trabalho do partido junto às mais amplas massas.
- 3) Nenhum apoio ao governo provisório: temos que denunciar a falsidade de suas promessas.
- 4) Reconhecer que nos soviets *somos minoria*. Nosso trabalho é criticar seus erros, principalmente o oportunismo, e reivindicar *todo poder aos soviets*.
- 5) Reivindicar uma República Soviética, a ser organizada de baixo para cima. Supressão da polícia, do exército e do funcionalismo. Funcionários deverão ser eleitos e exoneráveis a qualquer momento. Sua remuneração não deverá ultrapassar o salário médio de um operário qualificado.
- 6) Confisco de *todas* as terras do país. Elas deverão ficar à disposição dos soviets de deputados de trabalhadores agrícolas assalariados e de camponeses.
- 7) Fusão imediata de todos os bancos do país em um único, que ficará sob controle do soviets.
- 8) Controle da produção e da distribuição de bens pelos soviets.
- 9) O Partido deve convocar imediatamente um Congresso para mudar o programa e mudar de nome.
- 10) Desde já colocar o objetivo de renovação da Internacional. Ela precisa ser revolucionária, contra o Centro e contra os Nacionalistas (socialdemocratas).

Tentativa de golpe em julho

Em meados de junho Kerensky finalmente faz seu “haraquiri”: ordena a ofensiva contra os alemães que rapidamente se transforma em derrota colossal. Há motins em Petrogrado e em julho o proletariado (liderado por Vyborg) está em fúria.

O governo provisório patrocina uma tentativa de golpe militar. Lição a tirar do caso: acaba de ser descartada a hipótese de uma transição pacífica do poder para os soviets. Este teria sido o caminho indolor para a revolução, que se inviabilizou porque o poder passou para as mãos da *contrarrevolução*. A burguesia contrarrevolucionária entregou o poder do Estado real nas mãos dos generais, da camarilha militar que fuzila insubordinados no *front* da guerra e esmaga bolcheviques em Petrogrado.

Continuar a reivindicar “todo poder aos soviets”, agora, é quixotismo ou troça; é fingir que *nada* aconteceu. Isto sem falar no apoio de mencheviques e socialistas revolucionários à repressão aos bolcheviques.

Na essência, o problema que se coloca consiste em ser impossível conquistar o poder pacificamente, pois *agora é preciso vencer a camarilha militar*. Só as massas revolucionárias do povo, dirigidas pelo proletariado, podem vencê-la.

Os trabalhadores reagiram a esta tentativa de golpe com manifestações de rua e dirigindo-se ao Tauride em passeata gigantesca para reivindicar “todo poder aos soviets”. A resposta do governo Kerensky, depois de dar ordem de abrir fogo contra os manifestantes, foi lançar uma verdadeira caçada aos bolcheviques, na qual entre outros Trotsky, Alexandra Kollontai e Kamenev foram presos (e depois soltos mediante pagamento de fiança). Também abre um processo contra Lenin sob a alegação de que ele, como agente dos alemães, cometeu crime de “alta traição”. Um integrante do partido KDT acredita que a única solução é liquidar os bolcheviques e propõe a opção entre dois métodos: evacuar Petrogrado, declarar estado de sítio (desnecessário, porque a Lei Marcial continuava em vigor) e executar os bolcheviques sem maiores formalidades, ou realizar a Constituinte e, em caso desta manifestar ideias utópicas, dispersá-la pela força das armas eliminando os bolcheviques (nesta hipótese a Constituinte funcionaria como ratoeira para bolcheviques). Outro KDT declara que o colapso da economia fazia parte do plano para desmoralizar a revolução (de fevereiro): por isto minas de carvão foram explodidas por seus proprietários e engenheiros quebraram máquinas em fábricas, assim como locomotivas.

Julho e agosto

Enquanto burguesia e pequena burguesia seguiam sua vidinha cotidiana fazendo o possível para ignorar a revolução, entre trabalhadores e soldados havia organização, panfletagem, palestras, debates nos teatros, nos circos, clubes, escolas, salas de reunião dos soviets, sedes de sindicatos e quartéis. Havia reuniões nas trincheiras, nas praças e nas fábricas. Na Putilov, por exemplo, 40 mil se reuniam para ouvir mencheviques, socialistas revolucionários, bolcheviques, anarquistas e quem mais quisesse falar. Cada esquina era uma tribuna. Havia Conferências e Congressos de todos os tipos. Em Petrogrado sempre havia três ou quatro convenções acontecendo num mesmo dia.

Quando Kornilov tenta sua marcha sobre Petrogrado em agosto, seus planos deram errado porque os soviets dos soldados, os guardas vermelhos, os marinheiros de Kronstadt e os operários da Putilov defenderam a cidade e o prenderam, assim como a outros generais. Cai o ministério, porque alguns dos ministros participaram da conspiração. Kerensky não consegue formar novo ministério e cria um gabinete provisório com apenas cinco integrantes. Mas emite nova ordem de prisão contra Lenin.

Setembro

Os alemães ocupam Riga.

Em Wall Street a palavra de ordem era “salvar a Rússia”. É lançada uma campanha de arrecadação de fundos para ajudar o governo russo. São arrecadados 500 milhões de dólares em um mês. Seus motivos são o petróleo do Cáucaso e os negócios na Sibéria. Rapidamente os Estados Unidos enviam dólares, bíblias, missões comerciais e militares, a Cruz Vermelha, e o Exército da Salvação.

Marcado para setembro, o Congresso dos Sovietes não se realiza porque a Executiva – com maioria de SR e Mencheviques – convoca em seu lugar a “Conferência Democrática”. Na altura, bolcheviques já são maioria nos soviets de Petrogrado, Moscou e Odessa. A manobra demonstra que os mencheviques temem mais Lenin e os bolcheviques do que Kornilov e companhia. Também esta manobra não deu certo, porque a Conferência Democrática votou a favor da proposta de um governo que excluísse os KDT. Kerensky ameaça renunciar e a Conferência recua. Deste momento em diante o governo Kerensky passa a ser controlado pela burguesia e pelo latifúndio.

Controlado pela Executiva, o *Izvestia* – órgão oficial dos soviets –, a partir deste episódio, adota a pauta de que os soviets já tinham cumprido a sua função e deveriam ser dissolvidos imediatamente, ao mesmo tempo em que o governo Kerensky anuncia que vai liquidar as “organizações irresponsáveis” (leia-se: os soviets).

Em resposta a estas ameaças e ações, os bolcheviques convocam o recém boicotado Congresso dos Sovietes para Outubro e os KDT já ameaçam tirar a monarquia da gaveta, questionando publicamente a condição republicana da Rússia. A direita faz campanha aberta por uma ditadura Kornilov.

Rodzianko escreve em seu jornal que a tomada de Petrogrado pelos alemães seria uma bênção, pois eles destruiriam os soviets. Kerensky anuncia um plano para evacuar a cidade mas, diante da indignação popular, acaba recuando.

Enquanto a máquina do governo é posta a serviço da campanha para impedir a realização do Congresso dos Sovietes, chegam a Petrogrado delegados do país inteiro. Mencheviques e SR tentam uma última manobra: não realizar ou adiar a realização das eleições de delegados, usando como argumento a proximidade da Assembleia Constituinte (que continuava na condição de carta na manga: sua convocação vinha sendo adiada por eles mesmos desde março).

O proletariado reage a essas manobras tomando diversas providências, entre as quais destituir os soviets obstrucionistas e fundar novos. Enquanto isso, a imprensa bolchevique continua firme na sua palavra de ordem “todo poder aos soviets” e no alerta sobre a ameaça de ataque alemão a Petrogrado.

A QUESTÃO FUNDAMENTAL DA REVOLUÇÃO É O PODER.

As revoluções mostram a cada passo como se encobre a questão de *onde* está o verdadeiro poder, a divergência entre o poder *formal* e o *real*. Nisto precisamente consiste uma das particularidades principais de qualquer período revolucionário. Conforme Engels, o Estado é constituído, antes de mais nada, por destacamentos de homens armados que dispõem de importantes meios materiais, como prisões, por exemplo. Na Rússia de hoje o poder está nas mãos dos democratas constitucionalistas e dos cossacos reacionários que foram trazidos a Petrogrado para prender bolcheviques, fechar o *Pravda*, desarmar os operários, desarmar e fuzilar os soldados dos soviets. *Estes verdugos são o poder real*. Os ministros são seus fantoches e os apoiam. É ESTE PODER QUE DEVE SER DERRUBADO.

A palavra de ordem agora é combate decidido à contrarrevolução que se apoderou do poder. Só o proletariado revolucionário é capaz de derrubar a contrarrevolução burguesa. Ele tem que tomar o poder de Estado. Sem isto, a vitória da revolução é impossível.

Controlados pelos SR e mencheviques, os soviets atuais traíram a revolução. Estão impotentes e desamparados diante da contrarrevolução, que triunfou e continua triunfando. É preciso construir novos soviets. É preciso olhar para a frente, operar com as novas categorias de classe e de partido posteriores a julho. O novo ponto de partida é a contrarrevolução burguesa triunfante. Ela só pode ser vencida pelo proletariado revolucionário.

Ou a dispersão dos soviets e sua morte inglória ou todo poder aos soviets

Após a tentativa de golpe de Kornilov em agosto (com apoio até de Kerensky) que foi contrarrestada pelas massas lideradas pelos bolcheviques, todos os incrédulos devem aprender com este exemplo histórico. Que se envergonhem os que dizem que não temos um aparelho para substituir o velho Estado da burguesia. Este aparelho existe: são os *SOVIETES*. Não se pode temer a iniciativa e a autonomia das massas. Elas são a força, a grandiosidade e a invencibilidade. (Mas o que caracteriza os mencheviques e os SRs é a falta de confiança nas massas, o medo da sua iniciativa, medo da sua autonomia, o terror diante da sua energia revolucionária.)

Só o poder soviético seria estável, só ele não seria derrubado mesmo nos momentos mais tempestuosos da revolução mais tempestuosa, porque nos soviets se trava uma luta pacífica entre os partidos.

Trata-se da transformação radical de todo o velho aparelho de Estado, burocrático, que entrava tudo o que é democrático. Soviets são a maioria

organizada e armada do povo, a iniciativa e a autonomia da maioria do povo em relação a tudo.

Agora não pode mais haver meio termo: ou todo poder aos soviets e a completa democratização do exército, ou novo golpe militar.

Lições da revolução (fins de julho)

Todos já observaram como os pequenos proprietários fazem o possível para “serem alguém”, para chegarem a ser verdadeiros proprietários, para se elevarem à posição de proprietário “sólido”, à posição da burguesia. Enquanto prevalecer o capitalismo, para o pequeno proprietário não há saída: ou passa para a posição dos capitalistas (o que é possível, na melhor das hipóteses, para um em cem), ou passa para a posição do proprietário arruinado, do semiproletário e depois a do proletário. Assim acontece também na política: a democracia pequeno-burguesa, através dos seus dirigentes, arrasta-se atrás da burguesia. Estes dirigentes enrolam suas massas com promessas de acordo com os grandes capitalistas. No melhor dos casos, obtêm, por um certo período, concessõezinhas para uma pequena camada superior das massas trabalhadoras, enquanto em tudo o que é decisivo, em tudo o que é importante, a democracia pequeno-burguesa se encontra sempre na retaguarda da burguesia, como o seu apêndice impotente, como um instrumento submisso nas mãos dos reis da finança. Isso já foi confirmado pela experiência da França e da Inglaterra.

Projeto de resolução (16 de setembro)

Os acontecimentos, sobretudo depois de maio e julho, desenvolveram-se com rapidez de turbilhão tão incrível que a tarefa do partido não pode ser de modo algum a sua *aceleração*. Pelo contrário, todos os esforços devem ser orientados para não ficar atrás dos acontecimentos e avançar a tempo com o nosso trabalho de esclarecimento dos operários e trabalhadores sobre as mudanças da situação e no curso da luta de classes. Esta é a principal tarefa do partido: explicar às massas que a situação é extremamente crítica, que qualquer ação pode terminar em explosão, razão pela qual uma *insurreição prematura* pode trazer o máximo prejuízo. Mas, ao mesmo tempo, a situação crítica leva inevitavelmente a que a classe operária – e talvez com uma rapidez catastrófica –, em virtude da viragem dos acontecimentos independentemente da sua vontade, se veja obrigada a entrar num combate decisivo com a burguesia contrarrevolucionária e a conquistar o poder.

PROVIDÊNCIAS DA BURGUESIA PARA INTENSIFICAR A CRISE (Setembro)

Desorganização dos transportes, crise de abastecimento, sabotagem à produção (danificando o produzido, parando a produção, arruinando a distribuição, freando-a deliberada e persistentemente). A aposta da burguesia é uma catástrofe que significará a falência da república e da democracia, dos soviets, das associações proletárias e camponesas. Seu objetivo é provocar o retorno à monarquia e a restauração do poder absoluto da burguesia e do latifúndio.

A catástrofe da fome é iminente. Todos os jornais tratam disto e o soviète já a reconheceu como inevitável. Mas nenhuma das medidas aprovadas foi posta em prática.

As contradições se acumulam. Embora existam alimentos e matéria prima em quantidade suficiente, faltam mercadorias, víveres e mão de obra. As medidas para evitar a catástrofe são claras, simples, perfeitamente realizáveis e estão ao alcance das forças do povo. Mas não são tomadas porque afetariam os lucros fabulosos de um punhado de latifundiários e capitalistas. E todo mundo sabe o que precisa ser feito! Enquanto banqueiros e capitalistas sabotam e desbaratam qualquer tentativa de controle, inspeção e austeridade, mencheviques, SR e KDT repetem a ladainha: “são medidas complexas que demandam estudos, comissões etc.” *Todos os países em guerra* praticam controles e todos usam o mesmo recurso, que consiste em organizar a população em comitês. A diferença é que nos demais países estes comitês estão sob controle do Estado para assegurar o segredo sobre os fabulosos lucros dos capitalistas.

Um governo revolucionário tomaria as seguintes medidas:

- 1) Nacionalização dos bancos, trustes e monopólios (açúcar, siderurgia, petróleo);
- 2) Abolição do sigilo comercial;
- 3) Associação obrigatória dos industriais, comerciantes e patrões em geral;
- 4) Organização obrigatória da população em cooperativas de consumo, fomento e *controle* dessa organização.

Embora a imprensa burguesa afirme que nacionalização dos bancos significa confisco, na verdade ela consiste apenas no *controle* pelo Estado das suas operações para *barrar falcatruas* e para saber como se movimentam bilhões. Isto porque os bancos são o eixo principal e o mecanismo básico da circulação capitalista. Controlando os bancos, é possível controlar de modo real a vida econômica e até mesmo planejá-la.

Mais importante: a nacionalização dos bancos pode ser realizada pelos próprios trabalhadores, os bancários. Nenhum estudo é necessário para isto. Pode ser feita “de um só golpe”: *basta unificar a contabilidade*. Ela pode ser feita em poucas semanas e no país inteiro, por meio de assembleias e congressos. Para prevenir a resistência (ou sabotagem) de executivos e similares, um governo revolucionário decretaria o confisco dos bens e prisão de conselheiros, acionistas etc. por qualquer demora ou tentativa de ocultar saldos de contas e

outros documentos. Além disso, oferecer prêmios a quem descobrir fraudes ou dilações por parte dos ricos.

Os principais beneficiários da nacionalização dos bancos são os camponeses e pequenos industriais. O próximo passo, pelo mesmo método, deve ser a nacionalização dos seguros.

A nacionalização dos trustes e monopólios

O capitalismo moderno, sob o qual os bancos dominam a produção, levou a seu ponto culminante a interdependência dos ramos da economia. Portanto, já existe o monopólio financeiro do comércio e da indústria que, na verdade, já estão vinculados ao Estado. Portanto, basta que a revolução proclame um monopólio estatal *que já existe*. A diferença é que *basta* transformar a regulação burocrático-reacionária em vigor – que é contrária aos interesses dos trabalhadores e a favor da escravidão – em uma regulação democrático-revolucionária, mediante simples decretos que convoquem um congresso de trabalhadores, engenheiros, diretores e acionistas para implantar um sistema de contabilidade uniforme, o controle pelos sindicatos operários etc. É coisa extremamente simples: basta chamar democratas, operários e empregados para colocar em prática a sua própria iniciativa.

Esta proposta é totalmente diferente de estatizar e regular a atividade por métodos burocrático-reacionários, pelos quais fica tudo na mesma. O que faz a diferença é o congresso dos trabalhadores, a ampla publicidade e o freio imposto aos capitalistas. O petróleo, por exemplo, já é amplamente socializado, mas os lucros ficam para dois ou três magnatas.

A *opinião pública*, nome simpático para a imprensa burguesa, é facilmente subornável, direta ou indiretamente, assim como os funcionários públicos.

Abolição do sigilo comercial

Sem esta providência não pode haver controle da produção e da distribuição, principalmente porque, na era do monopólio, sigilo é hipocrisia. Só serve à especulação e à fraude, especialmente nas sociedades anônimas. Com a guerra, a maioria dos estabelecimentos trabalha para o Estado. O fim do sigilo pode desmascarar a dilapidação dos fundos públicos *e todo mundo sabe disso*.

Regulação do consumo, ou racionamento

Seu objetivo é controlar o consumo dos ricos, porque o dos pobres já está mais que controlado. Os ricos burlam constantemente qualquer racionamento; passam por doentes, contratam pessoas para ir às filas etc.

O governo Kerensky – dito revolucionário – em vez de implementar providências como as referidas, *lutou contra as organizações democráticas e as derrotou*. Agora tem em seu horizonte um *colapso financeiro* justamente

porque adotou as medidas exigidas pelo capital, que agora produzem as suas próprias contradições.

A dominação da burguesia é incompatível com uma verdadeira democracia, autenticamente revolucionária. SER DEMOCRATA é ter presente na prática os interesses da maioria. SER REVOLUCIONÁRIO é demolir do modo mais resoluto e implacável tudo o que é nocivo e caduco. DEMOCRACIA REVOLUCIONÁRIA é a destruição de modo revolucionário de todos os privilégios. SOCIALISMO é o que vem depois da destruição do monopólio capitalista do Estado, pois o Estado passará a ser posto a serviço do povo, deixando de ser capitalista. O capitalismo monopolista de Estado é a antessala do socialismo. Mas só chegaremos a ele mediante uma insurreição proletária, pois o governo Kerensky fechou o caminho para a transição pacífica.

Em tempo: a experiência da revolução ensina as massas com extrema rapidez.

28 de setembro: **Os bolcheviques devem tomar o poder**

Agora os bolcheviques são MAIORIA nos sovietes de Moscou e Petrogrado.

A maioria ativa dos elementos revolucionários do povo de ambas as capitais é suficiente para arrastar as massas, para vencer a resistência do adversário, para destruí-lo, para conquistar o poder e mantê-lo.

A maioria do povo está do *nosso* lado. A maioria bolchevique nos sovietes das capitais é *fruto* da movimentação do povo para o *nosso* lado.

Concretamente, o inimigo (exército alemão) está às portas de Petrogrado. Petrogrado ocupada pelos alemães tornará as nossas possibilidades cem vezes menores. Kerensky não vai defender Petrogrado. Só nós poderemos fazê-lo.

A questão não é o *dia* da insurreição nem o seu momento. Isto será decidido apenas pela voz comum daqueles que estão em contato *com as massas*. A questão é que nosso Congresso *deve decidir o destino da revolução*.

O Partido tem que pôr na ordem do dia a *insurreição armada* em Petrogrado e Moscou (e regiões), a conquista do poder e a derrubada do governo.

Lembrem-se de Marx e Engels: a insurreição é uma *arte*.

Se tomarmos o poder imediatamente em Moscou e Petrogrado, venceremos *absoluta e indubitavelmente*.

Sobre a arte da insurreição

Os partidos “socialistas”, infestados por oportunistas, inventaram uma deturpação do marxismo que consiste em chamar de *blanquismo* a preparação da insurreição e seu tratamento como uma *arte*.

O patriarca dos oportunistas se chama Bernstein. Ele acusa o próprio marxismo de blanquismo: a expectativa de que a humanidade seja emancipada da escravidão salarial, não pela luta da classe proletária, mas por uma *conspiração* promovida por uma pequena minoria de *intelectuais*.

Ao contrário disso, Marx disse que a insurreição é uma arte e como tal deve ser tratada. É necessário conquistar o primeiro *êxito* e seguir de êxito em êxito, sem interromper a ofensiva contra o inimigo.

A insurreição não se apoia nem numa conspiração nem num partido, mas na classe de vanguarda. Ela se apoia no ascenso revolucionário do povo. E deve apoiar-se naquele ponto de inflexão na história da revolução em crescimento no qual a atividade das fileiras avançadas do povo seja maior, em que sejam mais fortes as vacilações nas fileiras do inimigo e nas fileiras dos amigos fracos, hesitantes e indecisos na revolução.

Estas três condições distinguem o marxismo do blanquismo.

Por que em julho nos opusemos à palavra de ordem de insurreição? Afinal, os generais não enviaram tropas a Petrogrado numa contraofensiva de guerra? Os soldados e marinheiros não se rebelaram e não se esboçou uma revolta armada contra o governo? É tudo verdade, mas naquele momento os bolcheviques avaliaram que uma insurreição teria sido um erro. Já o momento em que nos encontramos é diferente. Agora é *obrigatório* para o Partido reconhecer que a insurreição foi posta na ordem do dia *pela marcha objetiva dos acontecimentos*. Temos que tratar a insurreição como uma *arte*.

Agora o quadro se caracteriza por termos a nosso favor a maioria da *classe* que é a vanguarda da revolução; ela é capaz de arrastar as massas. Temos a nosso favor a *maioria* do povo em decorrência da desmoralização de todos os demais partidos (dos KDT aos mencheviques), pois eles já demonstraram que nem ao menos farão a reforma agrária. Pertencemos a um Partido que conhece firmemente seu caminho em meio às vacilações inauditas de *todo o bloco adversário*, incluídos os mencheviques. Nossa vitória é certa, pois o povo está à beira do desespero e nós já apontamos a saída. *A importância da nossa direção* já foi reconhecida.

Temos, portanto, diante de nós *todas as premissas objetivas para o êxito de uma insurreição*.

Providências para a insurreição

Nós, bolcheviques, devemos ficar atentos para centrar as nossas intervenções sobre a afirmação da necessidade de uma ação imediata para salvar a revolução; romper totalmente com a burguesia; destruir completamente o governo atual; romper com o imperialismo anglo-francês; a necessidade da passagem imediata de todo o poder para a democracia revolucionária, com o proletariado revolucionário à testa. Quanto mais breve, mais incisiva for a declaração, melhor.

Em seguida, chamar a *decidir*, não a falar; a *agir*, não a escrever resoluções. Lançar nosso grupo às fábricas e aos quartéis: é aí que está o seu lugar, o nervo da vida, a fonte da salvação da revolução, o motor da Conferência Democrática.

À Conferência, temos que apresentar um ultimato: ou aceita nosso programa ou faremos a insurreição.

Concentrando-nos nas fábricas e nos quartéis teremos condições de calcular corretamente *o momento* para o início da insurreição.

E, sem mais delongas, temos que organizar o *Estado Maior* dos destacamentos insurrecionais, distribuir as forças, lançar os regimentos de confiança para os pontos mais importantes (...), tomar a fortaleza Pedro e Paulo [em frente ao Palácio de Inverno], prender o Estado-Maior e o governo (...), mobilizar os operários armados (...), *tomar imediatamente os telégrafos e os telefones* [rádio ainda era exclusividade do exército], instalar o *nosso* Estado Maior na Central Telefônica e, com ele, ligar por telefone todas as fábricas, todos os regimentos, todos os pontos da luta armada.

As tarefas da revolução

Conquistar a imensa maioria da população que pertence à pequena burguesia.

Só a experiência vai responder à pergunta sobre se os soviets passarão por cima das vacilações de mencheviques e SR, garantindo o desenvolvimento pacífico da revolução. Se persistirem no imobilismo, tornarão a insurreição inevitável.

Para agitar o nosso programa, devemos nos dirigir às massas, aos empregados, aos operários, aos camponeses. Não só aos que já estão conosco, mas sobretudo aos SR, aos sem partido e aos ignorantes. Devemos nos esforçar a ajudá-los a *pensar por conta própria*, a fazer acordos próprios, a enviar as *suas* delegações à conferência, aos soviets. Quaisquer que sejam os resultados da Conferência, este trabalho não será estéril, pois *as massas aprenderam muitíssimo desde abril*.

Nossos argumentos: o caráter funesto da conciliação com os capitalistas, o poder aos soviets, a paz, a reforma agrária, a luta contra a fome, o combate à contrarrevolução (do latifúndio e dos capitalistas) e o *desenvolvimento pacífico da revolução*, pois a situação presente, com o horizonte da realização da

Conferência Democrática, oferece uma possibilidade extraordinária de desenvolvimento pacífico da revolução.

Se os soviets assumirem hoje integral e exclusivamente o poder do estado para aplicar o nosso programa, terão assegurado o apoio de noventa por cento da população da Rússia, da classe operária e da imensa maioria dos camponeses, além do entusiasmo do exército e da maioria do povo. Sem este entusiasmo, será impossível vencer a luta contra a fome e a guerra.

Hoje nenhuma classe se atreverá a sublevar-se contra os soviets. Eles têm poder de *ultimatum*. Esta é a última oportunidade de revolução sem insurreição.

A crise amadureceu

(Texto de 20/10/1917: publicado parcialmente no *Pravda* no dia da insurreição)

I

O final de setembro sem dúvida marcou uma grande virada na história da revolução russa e tudo indica que da revolução mundial também.

A revolução mundial da classe trabalhadora começou com a ação de indivíduos cuja coragem infinita representava tudo de honesto que restava daquele “socialismo” oficial que na realidade é social-chauvinismo. Liebknecht na Alemanha, Adler na Áustria, MacLean na Inglaterra – estes são os heróis isolados mais conhecidos que assumiram o difícil papel de precursores da revolução mundial.

A segunda etapa da preparação histórica para esta revolução foi um amplo descontentamento de massas, que se expressou na divisão dos partidos oficiais, em publicações ilegais e demonstrações de rua. O protesto contra a guerra foi se ampliando e o número de vítimas da perseguição governamental aumentou. As prisões de países famosos pela observância da lei e mesmo da liberdade – Alemanha, França, Itália e Inglaterra – ficaram lotadas de dezenas e centenas de internacionalistas, adversários da guerra e defensores da revolução mundial.

Agora começou a terceira etapa. Ela pode ser chamada de véspera da revolução. Prisões em massa de dirigentes partidários na Itália livre e, em especial, o início de motins no exército alemão são sintomas indiscutíveis de que uma grande virada está prestes a ocorrer, de que estamos às vésperas da revolução mundial.

Mesmo antes destes acontecimentos, houve sem dúvida casos individuais de motins nas tropas alemãs, mas estas eram tão reduzidas, frágeis e isoladas que era possível silenciá-las – e este foi o principal modo de verificar o contágio de massas da ação sediciosa. Finalmente desenvolveu-se um movimento na

marinha de tal ordem que ficou impossível silenciá-lo, apesar de toda a severidade do regime alemão de servidão militar, severidade elaborada com espantosa riqueza de detalhes e observada com inacreditável pedantismo.

Não há dúvida portanto. Estamos no limiar de uma revolução mundial. E uma vez que, de todos os internacionalistas proletários do mundo, só os bolcheviques russos desfrutam de alguma liberdade – nós temos um partido legal e alguns jornais, temos do nosso lado os Sovietes de Deputados de Trabalhadores e Soldados das duas capitais e temos o apoio de uma ampla *maioria* do povo num tempo revolucionário –, a nós pode e deve ser aplicado o ditado “a quem muito foi dado, muito pode ser exigido” com toda a justiça.

II

Sem dúvida chegou o momento crucial da revolução na Rússia.

Numa sociedade camponesa, e com um governo revolucionário e republicano que desfruta do apoio do partido Socialista Revolucionário e do Menchevique, que até ontem dominavam a democracia pequeno-burguesa, desenvolve-se uma revolução camponesa.

Por incrível que pareça, isto é um fato.

Este fato não surpreende os bolcheviques. Nós sempre dissemos que o governo da notória “aliança” com a burguesia é um governo que *trai* a democracia e a revolução, que é um governo do massacre *imperialista*, um governo que *protege* capitalistas e latifundiários *contra* o povo.

Devido à traição praticada por Socialistas Revolucionários e Mencheviques, ainda existe na Rússia, sob a forma de república e em tempo de revolução, um governo de capitalistas e latifundiários ao lado do Soviete. Esta é a realidade amarga e sinistra. Por isto não surpreende que tenha começado e esteja em andamento uma revolta camponesa, diante dos inacreditáveis sofrimentos infligidos ao povo pelo prolongamento da guerra imperialista e suas consequências.

É surpreendente que os inimigos dos bolcheviques, os dirigentes do Partido Socialista Revolucionário, o mesmo partido que apoiou a “aliança” sem restrições, o partido que continua a atormentar e caluniar os “novos” socialistas revolucionários que entenderam que a política da aliança é uma traição aos interesses dos camponeses – é surpreendente que estes dirigentes tenham escrito o seguinte editorial em seu jornal no dia 29 de setembro:

“Até agora praticamente nada foi feito para acabar com as relações de servidão que ainda prevalecem nas aldeias da Rússia central... A lei para a regulamentação das relações da terra no campo, que foi apresentada há tempos ao Governo Provisório, e foi aprovada até por um Congresso Jurídico, está engavetada... Não temos o direito de afirmar que nosso governo republicano

ainda está longe de ter se livrado dos antigos hábitos da administração tzarista (...)?”

Isto foi escrito pelos dirigentes Socialistas Revolucionários! Pensem: os apoiadores da aliança são forçados a admitir que num país camponês, passados sete meses de revolução, “nada fizeram para liquidar a servidão” dos camponeses, a sua escravidão pelos latifundiários! Estes Socialistas Revolucionários são obrigados a classificar Kerensky e sua gangue de ministros reacionários.

Pode haver testemunho mais eloquente do que este, proveniente do campo dos nossos adversários, de que a aliança entrou em colapso e de que o Partido Socialista Revolucionário legal, que tolerou Kerensky até agora, se tornou um partido antipopular, anticamponês e contrarrevolucionário, mas também de que toda a revolução russa chegou ao momento da virada?

Uma revolta camponesa num país camponês contra o governo do Socialista Revolucionário Kerensky, os Mencheviques Nikitin e Gvozdjov e outros ministros que representam o capital e os interesses dos latifundiários! O esmagamento desta revolta por medidas militares por um governo republicano!

Diante destes fatos, é possível permanecer como defensor consciente do proletariado e no entanto negar que a crise amadureceu, que a revolução atravessa um momento extremamente crítico, que a vitória do governo contra a revolta camponesa seria o dobre de finados da revolução, que seria o triunfo final da revolta de Kornilov?

III

É óbvio que se, depois de sete meses de república democrática num país camponês, chegamos a uma revolta camponesa, isto irrefutavelmente prova que a revolução está entrando em um colapso de alcance nacional, que ela está passando por uma crise de gravidade sem precedentes e que as forças da contrarrevolução chegaram a seu limite.

Isto é óbvio. Diante de uma revolta camponesa, todos os demais sintomas políticos perdem qualquer significado, mesmo os que pudessem contradizer a tese de que está amadurecendo uma crise nacional.

Mas, ao contrário, todos os sintomas indicam que amadureceu uma crise de alcance nacional.

Depois da questão agrária, a mais importante é a questão nacional, especialmente para as massas pequeno burguesas da população. E no Congresso “Democrático”, convocado por Tsereteli e Cia., os “representantes” nacionais ficaram em segundo lugar em relação aos radicais, pressionados pelos sindicatos e ultrapassando por pouco a bancada dos Sovietes de Trabalhadores e

Soldados na percentagem dos votos contra a aliança governamental (40 em 55). O Governo Kerensky – que reprime a revolta camponesa – está retirando os soldados revolucionários da Finlândia para favorecer a burguesia finlandesa reacionária. Na Ucrânia, os conflitos dos ucranianos em geral, e dos soldados ucranianos em particular, com o governo estão ficando cada vez mais frequentes.

Além disso há o exército, que em tempos de guerra tem um papel excepcionalmente grande nos negócios do Estado. O exército da Finlândia e a frota do Báltico romperam completamente com o governo. Há o testemunho de um oficial não-bolchevique que fala em nome de todo o front e declara, de modo ainda mais revolucionário que os bolcheviques, que os soldados não lutarão mais. Temos relatórios do governo afirmando que os soldados estão em estado de “agitação” e que é impossível garantir a manutenção da “ordem” (o que significa a participação desses soldados na repressão à revolta camponesa). Por último, temos a votação em Moscou, em que 14 mil soldados (em 17 mil) votaram a favor dos bolcheviques. (A esta altura o número de soviets em toda a Rússia já é de cerca de 900).

Este voto nas eleições para os soviets distritais em Moscou é o mais evidente sintoma da mudança profunda que aconteceu na disposição da nação como um todo. Todo mundo sabe que Moscou é mais pequeno burguesa que Petrogrado. É um fato frequentemente confirmado e indiscutível que o proletariado de Moscou tem conexões incomparavelmente mais fortes com o campo, que ele tem mais simpatia pelo camponês e está próximo dos sentimentos do campesinato.

Em Moscou o voto nos Socialistas Revolucionários e nos Mencheviques, no entanto, caiu de 70% em junho para 18% agora. Não pode haver dúvida de que a pequena burguesia e o povo abandonaram a aliança governamental. Os KDT aumentaram sua votação de 17 para 30%, mas permanecem como minoria, apesar de terem se aliado à direita Socialista Revolucionária e Menchevique. O número absoluto de votos para os KDT caiu de 67 mil para 62 mil. Só o voto para os bolcheviques aumentou – de 34 mil para 82 mil. Eles receberam 47% da votação total. Não pode haver sombra de dúvida de que nós, com os Socialistas Revolucionários de Esquerda, agora temos a maioria nos Soviets, no Exército e no campo.

Entre os sintomas que também têm um significado real, está o fato de que os exércitos de trabalhadores ferroviários e dos correios, que têm imensa importância dos pontos de vista da economia, da política e do militar, continuam em agudo conflito com o governo. Até os mencheviques defensistas estão insatisfeitos com o “seu” ministro (Nikitin) e os SR governistas chamam Kerensky e cia. de “Stolypins”. Não é claro que se tal “apoio” ao governo por mencheviques e SRs tem algum valor, só pode ser um valor negativo?

IV

[Este tópico não foi publicado porque continha informações exclusivas para os bolcheviques, para circulação interna]

V

Sim, os dirigentes da Executiva do Soviete continuam na tática correta (do ponto de vista deles) de defender a burguesia e os latifundiários. E não há a menor dúvida de que se os bolcheviques caíssem na armadilha das ilusões constitucionais – da “fé” no Congresso dos Sovietes e na convocação da Assembleia Constituinte, “esperar” o Congresso dos Sovietes e assim por diante –, estes bolcheviques com toda a certeza se tornariam miseráveis traidores da causa proletária.

Eles se tornariam traidores da causa porque por sua conduta trairiam os trabalhadores revolucionários alemães que iniciaram uma revolta na marinha. “Esperar” pelo Congresso dos Sovietes e assim por diante em tais circunstâncias seria uma traição ao internacionalismo, uma traição à causa da revolução socialista mundial.

Isto porque o internacionalismo consiste em atos e não em frases, não em expressões de solidariedade, não em resoluções.

Os bolcheviques seriam traidores dos camponeses, pois tolerar a repressão à revolta camponesa por um governo que os próprios SR comparam ao de Stolypin seria destruir completamente toda a revolução. Há uma grita sobre a anarquia e a crescente indiferença do povo, mas este povo só pode ficar indiferente às eleições quando os camponeses se revoltaram e os assim chamados “democratas revolucionários” pacientemente toleram a repressão a esta revolta pela força militar!

Os bolcheviques seriam traidores da democracia e da liberdade, pois tolerar a repressão à revolta camponesa neste momento significa permitir que as eleições para a Assembleia Constituinte sejam marcadas exatamente da mesma forma que foram marcadas a Conferência Democrática e o “Pré-parlamento”, mas de modo ainda pior e mais brutalizado.

A crise está madura. Está em causa todo o futuro da revolução russa. Está em causa a honra do Partido Bolchevique. Está em causa todo o futuro da revolução internacional dos trabalhadores pelo socialismo.

A crise está madura...

29 de setembro de 1917.

Até aqui tudo pode ser publicado, mas o que segue deve ser distribuído apenas entre os membros do Comitê Central, do Comitê de Petrogrado, do Comitê de Moscou e dos Sovietes.

VI

O que fazer, então? Temos que afirmar o “estado das coisas”, admitir a verdade de que há uma tendência, ou uma opinião, em nosso Comitê Central e entre as lideranças do nosso partido, a favor de esperar pelo Congresso dos Sovietes e que se opõe a tomar o poder imediatamente, bem como a uma insurreição imediata. Esta tendência, ou opinião, *tem que ser derrotada*.

Do contrário, os Bolcheviques se cobrirão de vergonha eterna e se autodestruirão como partido. Isto porque perder este momento e “esperar” pelo Congresso dos Sovietes será idiotice profunda, ou pura e simples traição.

Seria traição pura e simples aos trabalhadores alemães. Por certo não devemos esperar até que comece a revolução deles. Neste caso todos seriam a favor de “apoiá-la”. Mas ela não pode começar enquanto Kerensky e cia. estiverem no poder.

Seria traição pura e simples aos camponeses. Permitir que a revolta camponesa seja reprimida quando nós controlamos os soviets das duas capitais seria perder, e perder com justiça, cada centésimo da confiança dos camponeses. Aos olhos dos camponeses nós nos colocaríamos ao lado dos piores canalhas.

“Esperar” pelo Congresso dos Sovietes seria idiotice profunda, pois significaria perder semanas num momento em que semanas, e mesmo dias, decidem tudo. Significaria renunciar covardemente ao poder pois nos dias primeiro e 2 de Novembro será impossível tomar o poder (política e tecnicamente, já que os cossacos serão mobilizados para o dia da insurreição que foi “marcado” de modo tão insensato).

“Esperar” pelo Congresso dos Sovietes é idiotice, pois o Congresso não vai e não pode dar nada!

Peso “moral”? É muito estranho falar no “peso” de resoluções e conversações com os canalhas, quando sabemos que os soviets apoiam os camponeses e que a revolta camponesa está sendo reprimida! Nós estaríamos reduzindo os soviets à condição de miseráveis salões de debate. Primeiro derrotamos Kerensky, depois realizaremos o Congresso.

O sucesso da insurreição está garantido para os bolcheviques: 1) (se não “esperarmos” pelo Congresso dos Sovietes) podemos lançar um ataque de três pontos: Petrogrado, Moscou e a frota do Báltico; 2) temos a palavra de ordem que vai nos assegurar o apoio: abaixo o governo que está reprimindo a revolta dos camponeses contra os latifundiários! 3) temos a maioria no país; 4) a desorganização dos mencheviques e socialistas revolucionários é completa; 5) estamos tecnicamente em posição de tomar o poder em Moscou (onde inclusive deveríamos começar, pois contamos com o fator surpresa); 6) temos milhares de trabalhadores e soldados armados em Petrogrado que podem tomar o Palácio de Inverno, o Estado Maior, a telefônica e as maiores gráficas, tudo ao mesmo tempo. Nada será capaz de nos expulsar, ao mesmo tempo em que o trabalho de agitação no exército será de tal ordem que tornará impossível combater um governo da paz, da terra para os camponeses e assim por diante.

Se tivermos que atacar imediatamente, dos três pontos referidos, são de cem para um as nossas chances de vitória com menos perdas que em 3 a 5 de julho, porque os soldados não avançarão contra um governo da paz. Mesmo que Kerensky ainda conte com a “lealdade” da cavalaria, etc., em Petrogrado, se tivermos que atacar por dois lados, ele será obrigado a se render, pois contamos com a simpatia do exército. Se com estas possibilidades não tomarmos o poder, toda a conversa de transferir o poder aos soviets se transformará em mentira.

Não tomar o poder agora, “esperar”, cair na conversa da Executiva do nosso Comitê Central, confinarmo-nos à “luta pela Executiva do Soviete”, “lutar pelo Congresso”, é condenar a revolução ao fracasso.

Diante do fato de que o Comitê Central até mesmo deixou sem resposta as persistentes cobranças que venho fazendo por tal política desde o início da Conferência Democrática, diante do fato de que o nosso jornal vem eliminando de meus artigos todas as referências aos erros gritantes cometidos por bolcheviques, como a vergonhosa decisão de participar do Pré-parlamento, a admissão de mencheviques na Executiva do Soviete, etc., etc. – sou obrigado a considerar estas atitudes como uma “discreta” sugestão de que o Comitê Central não pretende nem ao menos examinar esta questão, uma sugestão discreta de que eu devo manter minha boca fechada e uma proposta de que eu me retire.

Sou obrigado a apresentar meu pedido de exclusão do Comitê Central, o que faço agora, reservando-me a liberdade de fazer campanha entre os militantes do partido e no Congresso do Partido.

É minha profunda convicção de que se “esperarmos” pelo Congresso dos Sovietes e deixarmos passar o momento presente, vamos destruir a revolução. (Segue assinatura de V. Lenin, 29 de setembro)

P.S. Há inúmeros fatos que provam que nem mesmo os soldados cossacos ficarão contra um governo da paz! Quantos? Onde eles estão? E o exército como um todo não vai enviar unidades para nos apoiar?

A partir desta intervenção no Comitê Central do Partido Bolchevique, o camarada Lenin assegurou a presença e a liderança bolchevique na insurreição que levou os soviets ao poder em Outubro de 1917. O resto é História.

Transição pacífica descartada (8 de outubro)

Agora a passagem do poder aos soviets significa *insurreição armada* na prática. Renunciar à insurreição armada significa renunciar à principal palavra de ordem bolchevique – todo o poder aos soviets.

Lembremo-nos das regras de Marx para a insurreição:

- 1) Não se joga com ela: uma vez iniciada, é preciso *ir até o fim*.
- 2) Concentrar no lugar decisivo e no momento decisivo uma grande superioridade de forças, pois de outro modo o inimigo, possuindo melhor preparo e organização, aniquilará os insurretos.
- 3) Uma vez começada a insurreição, é preciso agir com a máxima *decisão* e passar obrigatória e incondicionalmente à *ofensiva*. “A defensiva é a morte da insurreição armada”.
- 4) É preciso esforçar-se para pegar o inimigo de surpresa, capturar o momento em que suas tropas ainda estão dispersas.
- 5) É preciso obter conquistas diárias, ainda que pequenas, para manter a todo custo a *superioridade moral*.

Como dizia Danton, audácia, audácia e mais audácia!

Dos debates no Comitê Central (16 de outubro)

Um camarada afirma que não temos a maioria do povo e que sem esta condição a revolução está condenada. A história jamais deu tal garantia a nenhuma revolução, nem a pode dar em absoluto. Mas temos dados que indicam a sua possibilidade. O primeiro é a insurreição camponesa – prova objetiva de que eles estão do nosso lado. E o segundo foram os 51% dos votos que obtivemos nas eleições de setembro para as dumas.

Duvidar *agora* de que a maioria do povo segue e seguirá os bolcheviques significa vacilar vergonhosamente e, de fato, jogar fora todos os princípios revolucionários proletários, renunciar por completo ao bolchevismo.

Outro camarada afirma que não somos suficientemente fortes para tomar o poder e que a burguesia não é forte a ponto de frustrar a Assembleia Constituinte. Isto não passa de expressão da desorientação e do temor frente à burguesia. Traduz pessimismo em relação aos operários e otimismo em relação à burguesia. Depois que os fatos já demonstraram que a própria burguesia reconhece o poder dos soviets e a força dos bolcheviques, estes pessimistas estão propondo que rejeitemos o bolchevismo, que abdicuemos de nós mesmos. Eles querem que digamos que não somos fortes o suficiente!

Este tipo de vacilações corresponde a abandonar a palavra de ordem “todo poder aos soviets”.

Enquanto isso, com a continuação da guerra, Petrogrado está por um fio. Ou a revolução a defende ou Kerensky a entrega aos alemães. Nós não temos o direito de esperar que a burguesia estrangule a revolução entregando Petrogrado, sabotando seus próprios soldados e promovendo um banho de sangue que levará junto os bolcheviques.

Em meio ano de revolução já ficou demonstrado que não há outra saída: ou a ditadura militar dos kornilovistas ou a ditadura do proletariado.

Outro camarada apresenta a seguinte objeção: “não temos nem ao menos vínculos firmes com os ferroviários e funcionários dos correios e telégrafos”. Não podemos confundir dirigentes de sindicatos com a massa dos trabalhadores. Não precisamos de vínculos com dirigentes burgueses e pequeno-burgueses. Assim como os elementos proletários das massas destes setores se separaram de seus dirigentes, trata-se de saber que só a insurreição operária e camponesa pode atender às exigências das massas de ferroviários e trabalhadores dos correios e telégrafos.

Para quem levantou a questão do abastecimento, é preciso lembrar que é a burguesia que está preparando a fome. Só a insurreição pode resolvê-la. Neste momento, desaconselhar a insurreição equivale a aconselhar os trabalhadores que confiem na burguesia.

Os que se referem ao “estado de ânimo” se esquecem da análise política do desenvolvimento da *luta de classes* e apresentam impressões *subjetivas* sobre estado de ânimo. Eles naturalmente se esquecem *de propósito* que a firme linha do partido, sua decisão inquebrantável, é também um fator do *estado de ânimo*, sobretudo nos momentos revolucionários mais agudos. Uma das práticas dos *amedrontados* pela burguesia é *falsear as coisas*.

A única coisa que falta agora para a insurreição é a decisão consciente, firme e inflexível dos homens *com consciência de classe* de ir até o fim.

Se os bolcheviques não souberem dirigir o combate decisivo, o estado de tensão e desespero das grandes massas, que hoje sentem que não se pode salvar nada com meias medidas, que não se pode “influir” em ninguém, *os famintos destruirão tudo*, arrasarão tudo, até mesmo no estilo anarquista.

Isto também explica o “êxito” dos canalhas da imprensa ultrarreacionária que se disfarçam de bolcheviques. Os ultrarreacionários sempre se rejubilaram ironicamente ao ver se aproximar o combate decisivo entre burguesia e proletariado. Isto se observou em todas as revoluções, sem exceção alguma, *e é absolutamente inevitável*. E se nos deixarmos intimidar por *esta* circunstância, teremos que renunciar não só à insurreição, mas também à revolução proletária em geral. Porque na sociedade capitalista é impossível um desenvolvimento desta revolução que não vá acompanhado do maligno regozijo dos ultrarreacionários e de suas esperanças de tirar proveito.

Os pequeno-burgueses não acreditam, a burguesia teme, mas a vitória da revolução esmagará os ultrarreacionários. Quem não sabe que é o Tesouro do Estado que financia a imprensa ultrarreacionária? O capital compra todos eles, inclusive os Socialistas Revolucionários.

Só a vitória do proletariado acabará com a peçonha ultrarreacionária. O desespero das massas também se manifesta no consumo de veneno de todos os tipos.

Os que falam em desânimo das massas projetam nestas a sua própria *pusilanimidade pessoal*.

A última objeção afirma que o partido marxista não pode reduzir o problema da insurreição a uma conspiração militar. Esta é a opinião dos mencheviques também e há membros do partido fazendo agitação contra a insurreição. Vamos esclarecer mais uma vez a questão.

Conspiração militar é *blanquismo* se não for organizada pelo partido de uma classe específica; se os seus organizadores não levarem em conta o momento político em geral e a situação internacional em particular; se este partido não contar com a simpatia da maioria do povo; se o desenvolvimento dos acontecimentos da revolução não conduzir à refutação na prática das ilusões conciliadoras da pequena burguesia; se não se conquistar a maioria dos órgãos de luta revolucionária, como os soviets; se no exército (em caso de haver guerra) não amadurecer por completo a hostilidade ao governo que persiste contra a vontade do povo; se as palavras de ordem da insurreição não alcançarem a mais ampla popularidade e publicidade; se os operários avançados não estiverem seguros da situação desesperada das massas nem do apoio do

campo; se a situação econômica do país despertar sérias esperanças de uma solução favorável da crise por meios parlamentares.

Os dias que abalaram o mundo

A instalação do Congresso dos Sovietes estava prevista para 18/10. Como até esta data o quórum (400 delegados) ainda não tinha sido alcançado, adiou-se para 25/10. Mencheviques e SR entenderam a derrota e foram à luta para eleger seus delegados, mas já era tarde demais: por enquanto, há 175 delegados em Petrogrado, dos quais 103 são bolcheviques.

No dia 10/10 o Comitê Central bolchevique votou contra a insurreição, mas esta votação foi revertida pela intervenção de um operário: se vocês permitirem que os soviets sejam destruídos, nós romperemos com vocês. Trotsky já é presidente do Soviete de Petrogrado.

Na reunião do Comitê Central do dia 22/10, Lenin avisa que dia 24 é cedo e dia 26 tarde demais *para a tomada do poder*. Esta tem que coincidir com a instalação do Congresso dos Sovietes.

No domingo, 23 de outubro, o Conselho da República está reunido no Mariinsky e um SR lê o editorial do *Times*, afirmando que o único remédio para o bolchevismo é bala, e diz aos KDT que eles também pensam assim, mas não têm coragem.

Nas ruas, militantes bolcheviques vendem o panfleto de Lenin: “Os bolcheviques têm condições de ficar no poder?” E os jornais governistas anunciam a supressão dos jornais bolcheviques bem como o decreto de prisão dos dirigentes do soviete de Petrogrado e dos membros do Comitê Militar Revolucionário. Kerensky, em reunião do Conselho da República insiste em que Lenin (ainda foragido em Vyborg) é um criminoso a serviço do inimigo alemão. Martov alerta: Kerensky está incitando à guerra civil. O Conselho vota uma moção de desconfiança no Governo Kerensky. O jornal dos bolcheviques circula e conclama soldados, trabalhadores e cidadãos às armas.

Soldados da fortaleza Pedro e Paulo realizam uma assembleia no Circo Moderno e votam a favor da proposta de aderir à Revolução.

Kerensky decide abrigar-se no Palácio de Inverno, o que definiu a tomada deste prédio como o símbolo da vitória da revolução. Antonov-Ovseenko recebe a missão de comandar este front da luta revolucionária e, em caso de vitória, depor oficialmente o governo. A ordem dada por Kerensky para suspender as pontes (que dão acesso ao local) foi entendida como o anúncio oficial do início da insurreição: o Smolny dá a ordem para a batalha das pontes. O encouraçado Aurora assegurou a Nikolaievsky.

A decisão de Kerensky se explica: seu governo fora desarmado nas duas semanas que antecederam o 25 de outubro; ele foi reduzido à defesa do Palácio de Inverno.

O Soviete começa a funcionar como poder *de fato* já no dia 23 de outubro.

24 de outubro

Um dos QGs do CMR, próximo ao Palácio de Inverno, entra em estado de prontidão. As demais unidades do CMR também o fazem.

O governo convoca o Aurora para dar combate ao Smolny e adota as medidas previstas na Lei Marcial. Emite ordem de prisão a todos os bolcheviques aprisionados e soltos sob fiança em julho, entre os quais Alexandra Kollontai e Trotsky. Envia um destacamento para prender Lenin em Vyborg. Todos os seus integrantes foram presos pela Guarda Vermelha.

A ordem para fechar os jornais bolcheviques é cumprida na madrugada do dia 25, mas rapidamente dois destacamentos do Comitê Militar Revolucionário vão ao local e asseguram a continuidade dos jornais. *Começa a insurreição.* O Aurora se coloca sob as ordens do CMR. Ele teria duas funções: assegurar a unidade e a referência na luta, bem como as comunicações através do rádio. *O Aurora transmitiu a palavra de ordem de defesa da revolução para o país inteiro.*

Até este dia já haviam chegado a Petrogrado cerca de 300 delegados *bolcheviques* para o Congresso dos Sovietes

25 de outubro

A operação principal foi deflagrada às duas da manhã: ocupação simultânea das estações ferroviárias, da central de iluminação, do depósito de armas e alimentos, serviço de água, pontes, central telefônica, Banco do Estado (desta vez não se repetiria o erro da Comuna de Paris), grandes indústrias gráficas. Correios e telégrafos são completamente dominados e guardas de confiança dão plantão em todos os pontos conquistados. Como explica o Presidente do CMR: os quartéis, a fortaleza, os arsenais, todas as empresas em que havia operários e soldados podiam ser, e foram, tomados por dentro. Assim também os telefones, telégrafo, correio e banco. Invasões só ocorreram em instituições como o Palácio de Inverno, QGs distritais, ministérios e escolas militares.

O comandante governista escreve em seu relatório: “a situação em Petrogrado é aterradora. Não há passeatas nem desordem, mas uma tomada regular das instituições, estações de trem, prisões.” As patrulhas governistas se rendem sem oferecer resistência.

O cerco ao Palácio de Inverno está em andamento. Muita gente, informada, vai assistir à luta. De manhã a Central Telefônica foi tomada e a primeira providência foi cortar as comunicações do Palácio de Inverno.

Cria-se a primeira organização oficialmente antibolchevique no Conselho da República: o “Comitê de Salvação do País e da Revolução”. Sua primeira proclamação é assinada pelo Conselho da República Russa, Duma Municipal de Petrogrado, Executiva do Primeiro Congresso dos Sovietes, Executiva dos Sovietes Camponeses, Grupo do Front, Socialistas Revolucionários [de direita], Mencheviques, Trudoviks, Socialdemocratas Unificados e Grupo de Plekhanov.

Mas os soldados em defesa da ordem, presos, permaneceram em seus postos. Por isto, isolada, a defesa do governo desiste de resistir.

Às dez horas da manhã, o CMR já dominava a situação, mas o governo ainda resistia no Palácio de Inverno.

Às 14:30 h. realiza-se uma reunião de emergência no Soviete de Petrogrado e Trotsky informa que o governo não existe mais e o Palácio de Inverno está prestes a ser tomado.

Instala-se o Congresso dos Sovietes – o mais democrático parlamento da história – no Smolny, que se transformou num formigueiro revolucionário. Há reuniões de todos os tipos e por enquanto os mencheviques e socialistas revolucionários ali presentes se limitam a sair da frente.

No ato da instalação deste Congresso estavam presentes 650 delegados (o quórum fora definido como 400). Destes, 390 eram bolcheviques. Mencheviques e SR eram menos de 25%. No encerramento, havia 900 delegados, embora nem todos tivessem direito a voto.

Dan abriu a sessão às 22:40 h. Constitui-se a mesa com 14 bolcheviques, 7 SRs, 3 mencheviques e 1 internacionalista. Os bolcheviques eram Lenin, Trotsky, Zinoviev, Kamenev, Rykov, Nogin, Skliansky, Kyrilenko, Antonov-Ovseenko, Riazanov, Muranov, Lunatcharsky, Kollontai e Stuchka. (Note-se que Zinoviev, Kamenev, Nogin, Rykov, Lunatcharsky e Riazanov eram contrários à insurreição).

Os 70 delegados propriamente de direita presentes abandonam formalmente o Congresso. Seus lugares são imediatamente ocupados sem maiores formalidades. Martov assume a tribuna para vociferar contra os bolcheviques e a revolução. Insiste na necessidade de fazer aliança com a burguesia. Designado para replicar, Trotsky é bastante didático: “O que aconteceu foi uma insurreição, não uma conspiração. Uma insurreição das massas não requer justificção. Nós forjamos abertamente a disposição das massas para a insurreição. Agora que a nossa insurreição é vitoriosa, você vem propor que renunciemos a ela e nos aliemos aos derrotados? A quem propõe aliança agora, devemos dizer que estão

falidos, estão miseravelmente isolados; não têm mais nenhum papel. Vão para o seu lugar, que é *a lata de lixo da história*.”

Em tempo: a proposta “todo o poder aos soviets” foi aprovada com 505 votos.

26 de outubro

O Congresso dos Sovietes instalado na véspera retomara seus trabalhos algumas horas antes. Lenin comparece a esta sessão e toma a palavra pela primeira vez. John Reed avalia: “Estranho líder popular – puro intelecto, pálido, sem graça, inflexível e imparcial, sem idiossincrasias pitorescas, mas com o poder de expor de modo simples ideias profundas, de analisar uma situação concreta. A máxima audácia intelectual combinada com perspicácia.”

Lenin se dirige à tribuna, olha o plenário, espera passar o entusiasmo e começa seu discurso: “Agora temos que construir a ordem socialista!”

Às duas horas da madrugada se faz um recesso de meia hora. Na reabertura é dada a informação de que o Palácio de Inverno fora tomado, os integrantes do governo estavam presos e Kerensky fugira. Portanto, os soviets são o único poder na Rússia.

Post Scriptum

Em 1919, num Congresso de Professores, o camarada Lenin toma a palavra para declarar: “Mesmo que os imperialistas destruam o poder bolchevique amanhã, não lamentaremos ter tomado o poder nem por um segundo. Em caso de derrota, mesmo assim, teremos servido à causa da revolução e o nosso experimento ajudará outras revoluções.”